

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

GUARDADAS NO LADO ESQUERDO DO PEITO...

ANA MARIA DE CAMPOS *

*Me faltando sempre o vintém da infância. Bem por isso
mandei fazer um broche de um vintém de cobre
e preguei no meu vestido do lado do coração.
Sentir a presença daquele vintém
pobre da minha infância, tão procurado, tão escasso!...
Cora Coralina*

Os poetas cantaram que guardam do lado esquerdo do peito, dentro do coração, a lembrança do amigo (NASCIMENTO; BRANT, 1980). A poeta contou que porta ao lado do coração um vintém de cobre, cinzelado em forma de broche, rememorando “uma infância pobre que pedia tão pouco!” (CORALINA, 1983: 30).

Trabalharam empenhados no cultivo de uma memória rara, necessária para a sobrevivência e a própria subjetivação, constituída na relação com o outro, pois aceitamos que somos seres inacabados, inconclusos, em cotidianas interações atravessadas por histórias contidas e nem sempre contadas (GERALDI, 2010; CAMPOS, 2014).

Aqui estão cerzidos como em um *patchwork* retalhos de memórias preservados do esquecimento por obra e graça do trabalho de professoras em formação. Estudar, dialogar e refletir produziu um efeito de investigação nos *baús de achados e guardados*¹ pessoais, o que por sua vez proporcionou o encontro com objetos sentimentais que trouxeram à tona a memória de vivências antigas, quase interdidas.

Cora Coralina (1997: 62) segura nas mãos e na poesia seu vintém de cobre, testemunha de um tempo de sofrimento e pobreza:

Vintém de cobre:
Ainda o vejo
ainda o sinto
ainda o tenho
na mão fechada.
Moeda triste,
escura, pesada,
da minha infância,
da casa pobre.

* UNICAMP/UNISAL, doutora em Educação.

¹ Em trabalhos acadêmicos tenho chamado de *baús de achados e guardados* aos documentos e objetos que colecionamos ao longo da vida em arquivos pessoais (CAMPOS, 2014).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

As docentes-discentes, ou do-discentes, como ensina Paulo Freire (2003: 21-28) em *Pedagogia da autonomia*, apresentam suas memórias entretecidas de espanto, dor, alegria e inesperada compreensão de remotas situações, porém de renitente comparecimento no subsolo do tempo presente. Vestígios vislumbrados no lusco-fusco ausente/presente como que espreitam o cotidiano acelerado. A pausa e o olhar retrospectivo trazem “tanta água de sonho puxado do poço da imaginação...” (CORALINA, 1983: 29). *Memória, arquivos pessoais e educação* compõem os retalhos arrematados neste patchwork costurado a partir de registros de estudantes de diferentes cursos e turmas do programa de pós-graduação em educação, realizados entre os anos de 2011 – 2016, no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, *campus* Liceu, em Campinas.

Alinhavadas nesta narrativa estão memórias de estudantes, nas suas versões originais, sem a minha interferência. Foram grafadas entre aspas, em itálico, com pseudônimos, para preservar as identidades, conforme compromisso assumido entre nós.

Acordando memórias e palavras...

*palavras são como estrelas
facas ou flores
elas têm raízes pétalas espinhos
são lisas ásperas leves ou densas
para acordá-las basta um sopro
em sua alma
e como pássaros
vão encontrar seu caminho
Roseana Murray*

“Em nossa última aula seguimos a receita de acordar palavras e elas, como pássaros, encontraram seu caminho. Inicialmente acordamos palavras sobre memórias... E assim vamos percorrendo os caminhos dessa disciplina, que agora também faz parte das minhas memórias de formação” (Clara, 25 de abril de 2015).

Clara apresenta a elaboração de sua percepção da aula. Neste pequeno fragmento dá mostras de sua sensibilidade sendo lapidada, no entrecruzamento das memórias e da produção narrativa. Ela agrega ao seu texto a poesia de Roseana Murray, que li logo no início de nosso encontro.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

Tenho incentivado estudantes a produzirem suas memórias das aulas. Esses textos reflexivos e também descritivos são partilhados no grupo e vão compondo como que um acervo de escrita pessoal, implicada, comprometida com a produção do conhecimento, construído na parceria entre sujeitos envolvidos no processo educativo.

Aprecio sobremaneira a oportunidade de aprendizado que as memórias das estudantes me proporcionam. Sou impactada com reflexões as quais não teria acesso se não fosse essa partilha. Vou aprendendo e reelaborando minha profissionalidade no encontro com a subjetividade emergente desses textos autorais.

No planejamento das aulas convoco a companhia dos poetas, músicos e artistas de variadas expressões, visto que são meus parceiros de viagem. Talvez, por esse motivo, algumas estudantes incorporem as poesias em seus próprios textos, o que produz uma ampliação do horizonte de cada uma de nós. São paisagens que vão se alargando, pela abertura criativa que a obra de arte provoca em cada pessoa.

Para várias turmas dos cursos de Especialização em Educação Infantil fiz a proposta de organizarmos uma exposição com objetos garimpados de nossa infância. Desejava partilhar “lugares de memória” e não apenas reunir objetos antigos. Alimentava a intenção de provocar um diálogo mais cuidadoso sobre as nossas sensibilidades e nossos modos de *ser e estar* no mundo, a partir da rememoração de vivências infantis, visto que as professoras em processo de formação trabalham com a primeira infância. Solicitei, então, que procurassem nos seus *baús de achados e guardados* alguns objetos remanescentes deste tempo de suas vidas. Poderia ser brinquedo, livro, roupa, enfim, o que tivesse sido preservado da destruição, por algum motivo.

Imagem 1: 25 de fev. 2012



Imagem 2: 16 maio 2015



Fonte: Acervo pessoal da autora
Curso de Especialização em Educação Infantil

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

No dia combinado em cada turma arrumamos a sala com a mesa bem ao centro para receber os objetos de valor sentimental. Em uma das ocasiões, levei para servir de toalha um retalho de tecido xadrez, semelhante ao da minha saia de uniforme dos primeiros quatro anos do “Primeiro Grau” – como eram nomeadas as séries iniciais do Ensino Fundamental na segunda metade do século XX.

Em cada turma, cada qual com suas singularidades, notei que carinhosamente eram retiradas das bolsas e mochilas, com todo cuidado, as encomendas trazidas: casaquinho de bebê de lã cor-de-rosa; disco sonoro de histórias infantis, tipo “bolachão”; disco compacto simples dos Beatles; carrinho; bonequinho “smurf”; boneca Barbie; levei minha boneca Susi; livros infantis; canequinha de louça com cara de palhaço; um mamão verde que foi transformado em “vaca”, com pernas feitas de palitos de fósforo e mais uma infinidade de objetos carregados de significados para seus donos...

Para nossa surpresa, em uma turma de 2012, uma aluna trouxe consigo um grande pirex, embalado em papel alumínio. Ficamos intrigadas nos interrogando sobre o conteúdo daquele embrulho cuidadosamente arrumado. E logo veio a resposta:

- Ah! Professora, não achei nenhum objeto *da* infância, então preparei um doce que minha mãe fazia e eu adorava!

Nesse dia alimentamos a alma e o corpo que, teimosamente insistimos em separar, apegadas à nossa visão positivista de mundo. Essa aluna nos ensinou, mais uma vez, que corpo e alma, tudo junto ao mesmo tempo, experimenta a rememoração. “Alma vai além de tudo que o nosso mundo ousa perceber” (NASCIMENTO; RENATO, 1982). Olhar, provar, sentir, tocar, experimentar... tudo isso nos emociona e nos permite ressignificar a nossa história, revisitando *proustianamente* o “tempo perdido”. Confesso que nossos diálogos foram bem saborosos!

Como ensina o filósofo berlinense Walter Benjamin a busca pela compreensão do passado ultrapassa o âmbito do racional. Os atos de preservação da memória não são meros exercícios de acúmulo de informações. A preservação da memória precisa ter um benefício para a vida das pessoas. É necessário que haja questionamento do presente, que nos coloquemos em movimento, a fim de que a produção do conhecimento seja substantivamente favorável à expansão da vida. “Rememorar para Benjamin significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro” (GALZERANI, 2002: 63).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

Com as reflexões e incômodos que as rememorações foram provocando as estudantes passaram a compor as suas memórias de formação, entrevedo nelas o sinuoso percurso da constituição do sujeito.

Jóias garimpadas na vida cotidiana

*A aranha tece puxando o fio da teia
A ciência da abeia, da aranha e a minha
Muita gente desconhece
João do Vale*

“Quando começamos a falar de memória da infância achei que teria pouco a falar, primeiro porque quase nada me vinha à mente e principalmente porque tão poucas vezes falamos da própria infância. Mas é engraçado como a troca de experiências, os relatos, histórias, vão nos trazendo à tona momentos que já não recordávamos, coisas guardadas e às vezes até escondidas dentro de nós mesmos.

Das conversas que tivemos foi surgindo não só a vontade de lembrar, mas de compartilhar cada uma das lembranças, e assim, o assunto saiu das aulas de pós-graduação e chegou fácil à mesa de jantar, ao trabalho, à roda de amigos, e nos últimos dias, de maneira engraçada me pego contando coisas das quais eu mesma me ponho a rir e achar especial. E não tem coisa mais valiosa que lembrar de fatos que nos fazem sentir especiais.

Abrirei aqui um parêntese para uma memória dentro da memória, e vejamos como nem tudo é o que parece à primeira impressão, ou à primeira lembrança. Durante nossas aulas e esse minucioso “trabalho de relembrar” que temos feito, contei em determinado momento, quando falávamos da nossa primeira educação, que não possuía nenhuma lembrança ruim ou negativa por parte dos professores e da escola, mas em contrapartida tinha uma lembrança bastante desagradável de que minha mãe não gostava de trabalhos em grupo, muito menos marcados na minha casa, aliás, fiz isso uma única vez e não me dei chance de repetir, sei lá, talvez ela não fizesse o tipo participativa e nem compreendesse a necessidade desses episódios. E admito que por vezes senti-me com inveja das amigas cujas mães nos recebiam tão bem em suas casas, com lanches saborosos preparados com carinho enquanto ainda nos ajudavam na confecção dos trabalhos. E então, apenas duas semanas depois, nos foi proposto trazer para a

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

aula objetos dessa fase de nossas vidas e me lembrei de um álbum feito com todos os detalhes e pormenores que uma mãe pode fazer para registrar a vida escolar de um filho e que minha mãe tinha feito para mim. Me deparei com a imensa admiração que possuo pelo carinho com que ela confeccionou esse álbum, registrou, documentou, amou. Achei no mínimo irônico me lembrar tão bem dessa particularidade dela com os trabalhos em grupo como uma coisa extremamente negativa nas minhas recordações e ao mesmo tempo notar o carinho e dedicação que ela empenhou neste álbum recheado de registros que quero levar para a vida inteira. Bem, talvez essas lembranças estejam me trazendo mais do que sentimentos de alegria e satisfação, mas me possibilitando encontrar significados e repensar minhas próprias opiniões” (Giovana, 30 de abril de 2015).

A narrativa de Giovana é atravessada pela necessidade de ser fiel ao que passou, porém é possível perceber que uma fresta foi instalada em sua versão aparentemente acomodada. Ao ser provocada a rememorar vivências infantis a imprevisibilidade de um reencontro com o passado, mediado por um objeto que está hoje à sua mão, e também pelos diálogos instigadores de suas recordações, provocou embate interno e favoreceu a produção de outra versão para o vivido. Há aqui uma movimentação de percepções e de sentidos, uma polissemia que auxilia na promoção de outra memória do passado. Esse é um trabalho dos mais significativos, justamente porque projeta um outro futuro. O porvir se abre em amorosas ressignificações e reencontro com a própria mãe.

Walter Benjamin adverte que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1985: 224 – destaque do autor). A fidelidade ao que passou está relacionada com a abertura instaurada no presente. Presentes diferenciados produzem diferentes versões. A narrativa evidencia essa experiência de cada pessoa. Segundo a professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2002: 56) “somos sujeitos, que somos capazes de produzir, por exemplo, memórias, ressignificando, alterando os rumos da nossa própria história, na relação com outras histórias”. Inclusive, tentando construir uma outra história.

Os estudos dos linguistas da obra de Mikhail Bakhtin apresentam significativos aportes teóricos para a compreensão da subjetivação do ser humano. De acordo com João Wanderley Geraldi (2010: 32), um dos importantes estudiosos brasileiros do filósofo russo,

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

as concepções bakhtinianas de linguagem e de sujeito trazem, ao mesmo tempo, para o processo de formação da subjetividade o outro, alteridade necessária, e o fluxo do movimento, cuja energia não está nos extremos, mas no trabalho que se faz cotidianamente, movido por interesses contraditórios, por lutas, mas também por utopias, por sonhos.

As contradições e as “conversas das aulas”, no próprio registro da estudante, vão dando a ver as modificações de suas percepções do presente e do passado, reelaboradas na relação com o outro. Somos responsáveis pela história que criamos e recriamos. Nossos gestos e ações vão mostrando nossa implicação nessa construção, que é também social: “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo” (FREIRE, 2003: 53). Nada está definido de antemão.

Partilhando memórias singulares, ressignificando percursos e experiências, conferimos centralidade às questões do vivido – escolha quase nunca privilegiada na escola – podendo ser indiciada nos insistentes e infundáveis problemas de indisciplina. Os acontecimentos da vida passam a nos interpelar e nos auxiliar a “construir compreensões, caminho necessário da expansão da própria vida” (GERALDI, 2010: 100).

O gosto da vida

*É ter o gosto da vida,
amar o festivo, e o claro,
é achar doçura nos lances
mais triviais de cada dia.
Thiago de Mello*

*“Se a infância não for a fase mais alegre e curiosa de nossas vidas, então quando será?
Cheiros da infância...*

Está ainda para inventar um cheiro mais gostoso do que bolo na hora que está assando e se for de cenoura então, huuuummm, aí sim a cena está perfeita. E foi assim, num dia de folga e esperando um bolo sair quentinho do meu forno que sentei aqui para recordar um pouco de minha infância querida de uma forma diferente para mim, até então: pelos cheiros!

Se eu disser que sou filha de mãe boleira até aí você vai entender a preferência acima, onde as brincadeiras do quintal sempre estavam aromatizadas pelo cheiro do pão-de-ló e dos recheios de ameixa e abacaxi, mas quando me pego a pensar em que outros cheiros marcaram

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

minha infância até eu me surpreendo em quantas memórias estavam guardadas em minha “cachola”.

O primeiro deles é o cheiro de revista nova, aquelas de pintar que vende nas bancas, e que eu aguardava ansiosamente pelos domingos depois da missa para ganhar uma dessas e passava o resto do dia deixando tudo bem colorido com meu estojo repleto de pequenos e não mais usados lápis de cor. Me recordo com alegria de quando ganhei, na época de Natal, uma revista que pintava apenas com água e aquilo pra mim era como mágica ver o Papai Noel e o Menino Jesus ganhando cor sem eu usar um lápis colorido qualquer.

O cheiro da lata quadrada de talco vazia que eu usava pra passar as roupas dos meus ursos, então, é inesquecível. Nossa, quantas manhãs passei usando ela em cima da mesinha de centro tentando desamarrotar os macacões velhos de quando eu era bebê para colocar nos meus ursos de pelúcia, já que eu não gostava muito de bonecas. E aí de minha mãe, se jogasse meu ferro de passar fora, acho que eu ia chorar um dia inteiro sem parar.

Tinha também alguns cheiros que me faziam espirrar mas que não tornavam menos divertidas as nossas brincadeiras: cheiro do cobertor velho que eu, minha irmã e meu sobrinho usávamos pra fazer cabana no beliche e brincar de lobo mau ou do talco que a minha irmã usava nos nossos cabelos pra brincarmos de velhinhos; o cheiro dos perfumes da cômoda da minha mãe que ela nem desconfia até hoje que mexíamos lá; também o aroma da hortelã e de outros matos que pegávamos no quintal pra brincar de comidinha no extenso corredor de panelinhas que era arrumado diariamente sempre com muito capricho para prepararmos as nossas refeições e claro que o aroma delicioso e refrescante do suco de limão fresquinho colhido do próprio pé, claro também não podia faltar.

Das lembranças com meus pais me recordo bem do aroma da omelete que meu pai fazia pra gente comer sentados na escada do quintal, e do cheiro de jornal que nós dois ficávamos procurando palavras da lição de casa que a professora do primeiro ano mandava no caderno. Com minha mãe lembro-me do momento mais aguardado do dia, quando eu ainda não sabia ler: a hora da leitura dos gibis. Ficava olhando aquelas figuras da turma da Mônica, sentindo o cheiro daquelas páginas que iam e vinham em minhas mãos e que entre um bolo e outro minha mãe arranjava um tempinho para ler uma historinha para mim. Nossa eu adorava aquilo...

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

Mas um momento não podia ficar de canto nesse relato das minhas recordações: a alegria de sentir o cheiro do ursinho novo que eu mesma escolhi e fiz questão de trazer da loja para casa! Nossa! Que alegria! Depois de tanto aguardar chegou o dia de ir buscar o meu ursinho preferido. Chegando na loja o vendedor tentou me chatear oferecendo outros ursos maiores ou mais coloridos, mas não me convenceu pois eu queria aquele: pequeno e de cor suave e que levei para casa como um troféu por tamanha espera.

O momento de tirá-lo da enorme caixa foi ali mesmo na loja e o cheiro de urso novo é delicioso (naquele momento foi até melhor que cheiro de bolo)! Coitada de minha mãe, naquele dia teve que carregar eu, o urso e a caixa que durante dias ficou lá para guardar o pequeno urso.

Da entrada na escola primária não tinha cheiro mais inesquecível do que da minha cartilha Caminho Suave. Nossa! Tanto que eu queria saber ler os meus gibis que não via a hora de chegar na letra Z para poder falar: “eu já sei ler"! Lembro até hoje do cheiro dos toquinhos de giz que a professora dava para gente desenhar na lousa e do aroma daquela sopa quentinha servida no recreio nos dias frios. Eh, época boa!

Lembrança triste também guardo daquela época, de ver uma coleguinha cair em sono profundo depois de ser alimentada no recreio, hora tão esperada por ela. A professora não deixava demais crianças a acordarem, e eu olhava tudo aquilo com muito dó, porque ela não ia aprender a ler como as outras crianças....

Poderia citar mais inúmeros cheiros de minha até hoje querida Escola Estadual Cel. Júlio César, nome este que perdi a conta de quantas vezes escrevi no cabeçalho, mas por hoje vou terminando por aqui não deixando de citar, é claro, o inesquecível cheiro de material escolar novinho que só não é melhor que cheiro de bolo no forno!

E foi assim, sentindo novamente o cheiro de um bolo assando e que por sinal já está pronto para receber a calda de chocolate, que dediquei este momento para compartilhar um pouco das memórias da minha infância, pensando e relembando os outros cheiros que me fizeram ter uma meninice muito simples, porém rica de boas lembranças.

Estão servidos?

Sim! Convido-os a seguirem comigo por um dos caminhos da minha trajetória até aqui e de desvendarmos juntos as possibilidades que se abrem a cada instante, de refletirmos sobre nossas práticas educativas se estivermos dispostos a fazer a escuta do outro, seja ele sua

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

criança, seu companheiro de trabalho, seu professor, seus livros de pesquisa ou seu espaço de trabalho.

Escutar pelos olhos, pelos cheiros, pelo tato, pelo gosto de vida e mudança, que uma Unidade de Educação infantil tem muitas vezes adormecida em seus pilares, e que só uma parada com olhar atento e instigado pode dar voz e vez às crianças e fazer brotar o novo, o novo olhar, o novo experimentar, o voltar de onde viemos e para onde queremos ir.

Foram nestas idas e vindas das reflexões com o outro que ressignifiquei o meu papel de educadora e do ambiente educativo” (Rebeca, maio de 2015).

Rebeca apresenta aos leitores e leitoras a sua compreensão da vida em estado de contínua recomposição/reflexão. Nas idas e vindas é possível notar que vai recolhendo observações de minúcias, demorando o olhar no que toca sua sensibilidade.

Na monografia de conclusão do curso de especialização em Educação Infantil fez a opção pela escrita na forma narrativa, pois, segundo suas palavras, essa abordagem privilegia o percurso da autora, trazendo para o debate acadêmico os registros das práticas desenvolvidas na instituição onde desenvolve sua docência. A reflexão sobre a própria prática conjugada com seu trabalho de rememoração da infância e de seu percurso escolar permitiram uma ampliação de seus horizontes e de atribuição de significados outros para sua atuação profissional, como pode ser observado até mesmo no título do trabalho de conclusão do curso, defendido no início de 2016: *“Ressignificando a prática, reinventando os espaços na educação infantil”*. Como cantam os poetas Virgínia Rosa e Swami Jr. (1997) a autora toma a vida por inteiro, com seus cheiros, sabores, encantos e desencantos no trabalho de lapidação do *ser e estar docente*:

Vou na vida por inteiro
Vou enquanto ela durar
Sei que a vida vem primeiro
É a vida que eu tenho pra levar

“Canteiro de obra”

Há uma quase natural dificuldade para encerrar um trabalho que está sempre em reconstrução, por isso tomo emprestada a ideia de Walter Benjamin de “canteiro de obra”

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

(1987: 18 – 19). O filósofo faz uma dura crítica às “bolorentas especulações dos pedagogos” acerca do brincar e dos brinquedos infantis. Nas suas palavras,

as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria [...] Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente, através daquilo que com eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. (BENJAMIN, 1987: 18 – 19).

Ao trabalhar a partir das próprias memórias professoras em formação acabam por revisitar as experiências infantis com renovado cuidado, buscando compreender episódios decisivos em suas histórias de vida, que de alguma maneira “relampejam” no tempo presente, em suas relações com as crianças.

É assim que Helena nos conta de seu percurso:

Minha memória me prega peças. Necessito de tempo para pensar no que vivi e colocar no papel. Após algumas idas e vindas, pensando e lembrando me veio à mente minha primeira lembrança de infância em um contexto escolar: uma borboleta. Lembro-me da cena do papel dobrado, uma parte uniu-se a outra e ao abrir vi uma borboleta de tinta sobre o papel. Logo depois, minha memória já partiu para a antiga pré-escola no momento em que eu plantava rabanete e também tinha a oportunidade de nadar na piscina de uma escola da Prefeitura Municipal de Campinas na década de noventa. Fiquei em torno de um ano por lá. Aproveitei bastante os momentos no ambiente externo. Na sala a professora nos colocava para escrever, ou melhor, copiar, porque me lembro que ainda não era alfabetizada e, portanto, não entendia muito o sentido daqueles riscos no caderno. Antecipar a leitura e escrita com atividades pedagógicas tradicionais (cópia, memorização, cartilhas, etc.) estimulando assim a promoção da criança para o Ensino Fundamental já não faz parte do currículo da Educação Infantil, um avanço significativo e que com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², se tornou mais sólido ao enfatizar que a avaliação nessa etapa do ensino não deve ter nenhum tipo de promoção, principalmente no que tange o acesso ao Ensino Fundamental.

² BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/1996.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

No que se refere a minha infância, além do ensino institucionalizado cito também os momentos em que o aprendizado se deu em diferentes ambientes. Sempre morei em “cidade grande”; Campinas já era metrópole quando aos dois anos de idade me instalara aqui. Dessa forma, os brinquedos e brincadeiras se davam não somente na escola como também nos quintais das casas em que morei. Digo quintais das casas, porque mudei muito de residência durante minha meninice. Eu e minha família, mãe e duas irmãs, morávamos de aluguel, então quando o local encarecia ou quando o proprietário assim desejava, nos retirávamos. Não reclamo, sempre gostava das mudanças e de conhecer novos lugares.

Outros ambientes que me marcaram e de uma forma muito positiva foram as casas das minhas avós que eu visitava quando entrava de férias da escola. As férias era uma alegria só. Ah! Nesse período sim eu podia ser criança. Brincar na rua de “esconde-esconde”, “mãe da rua”, “três cortes”, “pega-pega”; ir ao clube nadar, brincar com os primos, viajar, jogar bola, comer frutas direto do pé, entre outras coisas que tenho muitas saudades. Posso dizer que foram durante as férias as minhas melhores lembranças de infância. Elas eram também o meu momento de liberdade, liberdade do corpo, do pensamento e liberdade de interagir com o outro. Eu passeava pelas praças, bosques, lagoas, sítios; eu andava a cavalo, jogava jogos de tabuleiro, tudo era mais divertido, eu vivia sorrindo. Nesses dias eu também brincava de ser professora, tinha esse desejo internalizado, mas que não levava tão a sério. Lembrando-me do ontem hoje, percebo nessas pequenas lembranças que o tempo, as pessoas, o ambiente, a cultura; na realidade uma parte de quase tudo que vivemos na infância influencia o nosso vir-a-ser como educadoras (es). Eu não sabia que trabalharia na educação, mas hoje percebo que ser educadora é um constante construir-se, como muito bem disse Paulo Freire:

Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. (FREIRE, 2003: 50).

Nos formamos, nos construímos educadores na relação com o outro, no cotidiano que vivenciamos com nossos educandos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, no aprendizado com os mesmos, no planejamento privado ou coletivo, no contato com as

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

diferentes pessoas da instituição escolar ou fora dela. Dessa forma, nunca estamos prontos, acabados, sempre estamos nos constituindo como educadores nos tornando sujeitos a partir das relações que estabelecemos com o outro. Essa permanente alteridade nos dá a possibilidade de sempre poder ser outro, jamais determinado, formulado, mas em constante movimento.

Voltando a falar da minha infância penso na palavra simplicidade. Talvez seja essa uma característica comum a minha infância e a de tantos outros nas gerações que passaram [...]. Lembro-me desses momentos da minha infância, quando um banho de mangueira era grande oportunidade de gerar sorrisos e gritarias eufóricas. O pega-pega se tornava constantes momentos de alegria e deitar para olhar as nuvens no céu virava possibilidade de criação e imaginação. Como a infância é vivida hoje? E o que mudou? As crianças se tornaram mais exigentes ou foi o meio que passou a se exigir mais do que o necessário delas? ” (Helena, setembro de 2015).

Como o poceiro, que cava fundo até descobrir a água no submerso lençol freático, Helena busca suas experiências infantis para questionar situações vividas hoje, como professora, no espaço escolar. E continua com sua rememoração:

“Adentrando-me agora ao meu Ensino Fundamental afirmo que ele me marcou muito. De um lado com histórias felizes para contar e de outro com momentos não muito agradáveis. Dentro da sala de aula era difícil brincar, aquele formato convencional já bastante conhecido com cadeiras em fileiras, quadro negro e centralização do processo educativo no educador perdurou até o final da minha trajetória escolar, inclusive acadêmica. No entanto, fora da sala de aula eu conseguia brincar muito, brincadeiras criadoras e criativas, pois éramos nós crianças sozinhas que inventávamos muitas brincadeiras sem a supervisão constante do adulto. Nas aulas de Educação Física também podíamos brincar: de queimada, vôlei, bonecas, pular corda, jogos de tabuleiro, peão, tazo³, entre outros mais.

Eu tive três professoras nesse período. Lembro-me que na primeira e segunda série (hoje primeiro e segundo ano do Fundamental I) as duas professoras chamavam-se Rosa e elas sempre estavam muito avermelhadas por gritarem muito e ficarem muito irritadas com as

³ Tazo é um disco de plástico pequeno que se coleciona e se joga entre jovens e crianças. Fez bastante sucesso nos anos da década de 1990 no Brasil. Fonte: Wikipédia.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

crianças da sala. De maneira nenhuma as julgo, pois não conhecia o contexto social, cultural nem tampouco econômico em que elas estavam inseridas e não devia ser fácil lecionar para mais ou menos 35 alunos e serem obrigadas a alfabetizar todos eles.

Na terceira e quarta série tive aulas com uma mesma professora. Ela parecia ter bastante experiência em sala, mas era muito autoritária, muitas vezes nos proibia de ir ao banheiro e tenho uma lembrança não muito boa dela quando gritou com um colega de sala lhe dizendo para não acreditar no “Papai Noel” já que este não existia e ele não devia perder tempo acreditando nessas baboseiras. Isso me chocou muito. Eu sabia que o “bom velhinho” não existia, mas aquele menino ainda acreditava nele e ficava feliz com essa crença. Ela o constrangeu verbalmente e o entristeceu profundamente, e também a mim ao presenciar o ocorrido. Essa professora me marcou de forma bem negativa. Não gostava muito de ir às aulas dela. Por isso, quando surgiu um coral na escola, por intermédio de um professor de música chamado Roni me empolguei muito e fui fazer o teste. Fiquei muito feliz quando entrei para o coral e poderia me ausentar em algumas aulas, na verdade gostei tanto que pensava em me profissionalizar como cantora. Com o tempo esse sonho foi ficando de lado, mas os estudos continuaram [...].

Ao ter uma experiência negativa na educação infantil, meu interesse por essa etapa ficou muito distante, até que comecei a fazer estágio em escolas da prefeitura de Campinas. Os dias de estágio eram muito divertidos, aprendia muito com as crianças que me contavam muitas experiências sobre a vida delas em casa e na escola. Contavam sua opinião sobre as brincadeiras, sobre seus amigos e eu as observava como produtoras de cultura, cheias de histórias para contar, cheias de independência e extremamente criativas tanto na forma de brincar como nas percepções que tinham sobre o mundo a sua volta. Percebi como era rico olhá-las e interagir com elas durante o parque, durante as refeições, as atividades e como eram dispostas a conhecer e ensinar também. Por fim, a educação infantil me encantou. Criei coragem e então no último ano de estudos prestei quase todos os concursos que tiveram para professores e monitores em Campinas e região” (Helena, setembro de 2015).

Revisitar o passado com as demandas do presente favoreceu às professoras em formação a atribuição de sentidos solidários aos das necessidades demonstradas contemporaneamente por crianças com quem interagem nos espaços escolares. Esses novos sentidos foram encharcados das águas da generosidade, pois neles misturaram as suas próprias dores e alegrias ao

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

15

reconhecerem que viveram situações semelhantes nas suas experiências infantis. Como ensina Geraldi (2010: 32) “Na palavra, passado, presente e futuro se articulam”.

Professoras em formação reescreveram memórias, articulando suas palavras com a de outros sujeitos. Renovaram e recriaram versões de suas próprias histórias, conferindo valor exponencial à experiência, muitas vezes relegada ao esquecimento, como os fragmentos de narrativas aqui costurados dão testemunho.

Escrever é ato de sujeitos implicados no processo formativo em curso. Estão em atividade constante no “canteiro de obra”, por esse motivo as conclusões são sempre provisórias e passíveis de reinterpretação. Pelo próprio autor e por outros que com ele venham a interagir.

Este *patchwork* de memórias entrelaçadas por reflexões sobre o trabalho docente, o meu e o das estudantes que comigo viveram esta jornada, é um modo de reafirmar a necessidade da partilha do saber de experiência feito (FREIRE, 2003) para articulá-lo à uma aproximação mais rigorosa e crítica da realidade da qual tomamos parte. A centralidade da vida cotidiana, com demandas das mais imprevisíveis, não pode continuar sendo ignorada nas instituições que cuidam da educação das novas gerações. Não é possível, por exemplo, não refletir sobre a importância do brincar na formação das crianças, como registrado nas narrativas aqui hospedadas.

A escrita reflexiva não é uma atividade indolor. Trazemos para o texto nossas perplexidades, denunciemos as mazelas da vida que se vive em uma escola arcaica e antidemocrática, limitadora da criatividade e da liberdade humana. Todavia, também partilhamos sonhos de transformação e de expansão da vida. Criamos diariamente em ações singulares e coletivas possibilidades de uma “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2002). Como afirmei em um trabalho de pesquisa,

Na vida cotidiana, no trabalho, nos estudos, nas relações estabelecidas com as pessoas aprendemos que educadoras e educadores comprometidos com a sua missão são pessoas portadoras de uma certa consciência profética. Vivem o presente, interferindo nele, denunciando suas injustiças e contradições, mas também anunciando o futuro com as possibilidades ainda em gestação, nas quais estão engajadas. (CAMPOS, 2014: 29).

Que nossos horizontes de futuro sejam expansivos, generosamente acolhedores do outro. Que possamos “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1985: 225), para nos

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

16

reconhecemos na criança que fomos/somos, nos sonhos, desejos e construção de um mundo mais justo e solidário.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, v. I. p. 221 – 232.

_____. Canteiro de obra. In: _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v. II. p. 18 – 19.

_____. Saraus. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v. II. p. 102 – 104.

CAMPOS, Ana Maria de. *Histórias contidas e nem sempre contadas na formação de jovens e adultos*. 2014. 392p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000939987&opt=3>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

CORALINA, Cora. Moinho do tempo. In: _____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Ed. UFGO, 1983, p. 26 – 30.

_____. Vintém de cobre (Freudiana). In: _____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 19. ed. São Paulo: Global, 1997. p.59 – 62.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 49-68.

GERALDI, João Wanderley. A linguagem e a constituição da subjetividade. In: _____. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João, 2010. p.29 – 32.

_____. A aula como acontecimento. In: GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João, 2010. p.81 – 101.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

17

MELLO, Thiago. Água de remanso. In: _____. *Faz escuro mas eu canto porque a manhã vai chegar*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p.66 – 67.

MURRAY, Roseana. Receita de acordar palavras. In: _____. *Receitas de olhar*. São Paulo: FTD, 1997, p. 10.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Canção da América. Intérprete: Milton Nascimento. In: _____. *Sentinela*. Rio de Janeiro: Polygram, 1980. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 4.

NASCIMENTO, Milton; RENATO, José. Ânima. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, Milton. *Ânima*. São Paulo: Polygram, 1982. 1 Disco Sonoro. Lado 1; faixa 3.

ROSA, Virgínia; SWAMI JR. Vou na vida. Intérprete: Virgínia Rosa. In: ROSA, Virgínia. *Batuque*. São Paulo: Movieplay, 1997. 1 CD, faixa 02.

VALE, João do; VIEIRA, Luiz. Na asa do vento. Intérprete: João do Vale. In: VALE, João do. *João do Vale convida*. Rio de Janeiro: CBS, 1981. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.